



www.asle-brasil.com/journal
RILE – Revista Interdisciplinar
de Literatura e Ecocrítica
ISSN: 9788-5232

RELATO PESSOAL DA PEÇA TEATRAL “AVE, GURIATÃ!”

Flávia Tavares da Costa Ramos¹
Gustavo Lopes da Silva²

Eu gostaria de iniciar este depoimento prestando meus sinceros agradecimentos ao professor doutor Robson Teles e ao diretor José Manoel Sobrinho, pela honra e o privilégio de poder vivenciar essa experiência incrível do teatro, assim como a oportunidade de proporcionar à minha mãe e ao meu irmão mais novo o prazer de irem ao teatro pela primeira vez, além de toda atenção e cuidado para conosco em todos os momentos.

Antes de prosseguir, devo relatar que sou um aluno cego e que, também, tratava-se da minha primeira vez em um teatro; por isso, encontrava-me um tanto ansioso, querendo que as horas andassem depressa. Ao chegarmos ao teatro Marco Camarotti, onde ocorreria o espetáculo “Ave, guriatã!”, fomos recebidos por um dos atores fazendo sua refeição. “Boa tarde, aejam bem vindos! Aguardem só alguns instantes, por gentileza!”, disse o jovem ator, conduzindo-nos até um sofá na recepção.

Enquanto esperávamos, tirávamos várias fotos em diversos lugares da recepção, como forma de eternizarmos aquele momento. Também tivemos a oportunidade de presenciar a chegada de outros atores, devidamente maquiados. Em seguida, o diretor

¹ Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), mestre em Ciências da Linguagem pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), licenciada em Letras, Pedagogia e graduada em Fonoaudiologia. Atualmente é professora da graduação e do Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem da UNICAP. Coordenadora dos cursos de Letras e Pedagogia da UNICAP. Coordenadora Institucional do PARFOR/UNICAP.

² Chamo-me Gustavo; tenho 25 anos; sou um tanto tímido e introvertido, expresso-me melhor através da escrita. Aos 6 meses de idade, fui diagnosticado com glaucoma congênito, e desde então, passei por inúmeros procedimentos cirúrgicos até os 19 anos; durante esse período, sofri com crises sérias de convulsões, e, aos 4 anos, uma dessas crises me deixou em coma, entre a vida e a morte. No entanto, graças a Deus e às orações, recobrei a consciência e nunca mais convulsionei até os dias atuais; perdi a minha visão no meio do ensino médio e contei com o auxílio dos verdadeiros amigos, da minha psicopedagoga, de alguns professores e da minha família para concluir os estudos. Hoje, faço o curso de Letras Português/Inglês na Universidade Católica de Pernambuco e almejo me formar para conseguir ajudar e inspirar outros alunos PCD, mostrando-lhes que deficiência não é motivo de vergonha, nem desculpa para desistirmos dos nossos sonhos. Duas frases que me definem são: “Calado é um poeta!” e “A felicidade não é a ausência de conflitos, mas a habilidade de lidar com eles, pois uma pessoa feliz não tem o melhor de tudo, ele torna tudo melhor!”. E-mail: gustavolopezdasilvalopez@gmail.com



José Manoel chegou ao local, nos cumprimentou e adentrou o teatro; alguns instantes depois, retornou à recepção, nos convidando para entrar. Uma vez no interior do teatro, ele nos conduziu até algumas poltronas da primeira fileira, onde conversou um pouco conosco, explicou-me sobre o enredo do espetáculo, sobre o teatro Marco Camarotti. Em seguida, caminhou comigo pelos corredores da plateia, ainda vazia, guiando-me e fazendo a áudio-descrição do ambiente; na sequência, se distanciou um pouco e falou comigo para que eu tivesse uma noção do tamanho do palco, enquanto a intérprete de “Guriatã” se alongava no centro do palco; logo após, retornou para próximo de mim e passou a conduzir-me pelo espaço e mostrar-me, um por um, os elementos cenográficos que seriam utilizados durante o espetáculo, sempre fazendo a áudio-descrição.

O pequeno *tour* começou pelas cortinas do palco, e José Manoel pediu para que eu tocasse e sentisse a textura das duas, que, por sinal, eram totalmente diferentes; enquanto a primeira tinha uma textura mais densa e felpuda, a segunda, que ficava por trás, apresentava uma textura um pouco fina e maleável. Ainda ao lado das cortinas, com a ajuda de Mateus Condé, responsável pela maquiagem e pela caracterização de todo o elenco, assim como um dos principais atores do espetáculo, José Manoel colocou em minhas mãos alguns bois feitos de barro. Mateus, segurando nas mãos um boi de barro, em uma determinada cena, canta uma música enquanto os outros atores dançam ao redor dele.

Na sequência, nos dirigimos para a lateral do palco, onde havia uma escada de ferro, popularmente chamada de escada-tesoura, já que possui degraus de ambos os lados, muito utilizada como suporte para as cenas entre Guriatã e seu amigo. Em seguida, sentou-me em uma das cadeiras em que os atores sentam-se durante uma boa parte de uma das cenas; também, pôs em minha cabeça um chapéu que remetia ao bico de um pássaro, o qual todos os atores usam no espetáculo, e me entregou um dos bastões utilizados para auxiliar na sonoplastia de algumas cenas.

Dando continuidade ao pequeno passeio, nos deslocamos para o lado oposto do palco, onde José Manoel mostrou-me um caminhão de madeira relativamente grande, utilizado para transportar os bois de barro; depois, um daqueles cavaleiros que tínhamos quando criança, constituído por uma cabeça de plástico na parte superior de uma madeira que lembra o cabo de uma vassoura, e na sua base, duas rodas, também de plástico; em seguida, chamou os intérpretes de Guriatã e o de seu amigo. Eles falaram um pouco sobre seus personagens; Bibih, intérprete de Guriatã, mostrou-me alguns



tabuleiros com girassóis, flores, carrinhos presos em sua superfície. José Manoel, junto com Simões, cobriu-me com um enorme saco de estopa, como forma de simular a cena em que o bicho-papão, ou igualmente conhecido como homem do saco, sequestra Leunam, um dos protagonistas; depois, Cavi, intérprete do amigo de Guriatã, pôs em minhas mãos uma vara de pescar com um passarinho feito de origami, a qual os atores seguram no início da peça, acima do público, formando uma linda paisagem de vários passarinhos sobrevoando por todo o teatro.

Já próximo ao final do pequeno tour, Mateus aproximou-se novamente, com um fantoche de meia no seu braço, em seguida, vestiu as enormes asas do grande pássaro que surge no início e no final do espetáculo cantando a música tema da história, saudando Guriatã. Depois, Bruna, uma das atrizes, mostrou-me dois acessórios dos personagens que interpreta; primeiro ela pôs uma tiara com orelhas de cachorro nas minhas mãos, na sequência, me entregou um chapéu com uma espiga de milho e algumas folhas caindo; por último, ela fez a sua audiodescrição para mim.

José Manoel, que me guiava e me acompanhava em tudo, de perto, levou-me até a roda onde todos do elenco estavam reunidos com a fonoaudióloga Leila Freitas, para fazerem a preparação vocal, pediu para cada um se apresentar para mim; na sequência, levou-me até os camarins, em que mostrou alguns figurinos, como, por exemplo, o da cigana. Por fim, conduziu-me de volta para a minha poltrona na primeira fileira e foi cuidar dos últimos preparativos. Antes de abrir para o público, pude acompanhar todo o processo de aquecimento vocal dos atores junto com a fonoaudióloga, assim como a passagem de som da música de encerramento.

Falando um pouco sobre o espetáculo propriamente, eu amei do começo ao fim, me diverti muito. Inspirado na obra do poeta Marcus Accioly, “Guriatã: um cordel para menino”, o espetáculo celebra a riqueza da cultura brasileira, por meio de uma narrativa poética e envolvente.

Escrita pelo professor e dramaturgo Robson Teles, a peça nos transporta para um universo lírico, onírico, brincador; onde a força da natureza, da amizade, das brincadeiras, dos cantos e da essência do povo de cada lugar se entrelaça em uma jornada de auto-descoberta e de pertencimento. Um trabalho de criação coletiva para o público de todas as idades, a peça pretende inspirar, fazer um mergulho no coração e nas ideias de todas as pessoas e emocionar aqueles que se permitirem voar.

Com texto sensível e diálogos que evocam o ritmo do cordel e imagens cênicas exaltando a beleza do cotidiano de uma gente que brinca, o espetáculo nos convida a



acompanhar a trajetória de um menino em busca de entender a sua identidade, em permanente transformação, guiado por memórias, sonhos e sabedorias ancestrais. A montagem nos instiga a refletirmos sobre as raízes culturais, as histórias dos povos, as construções sociais e a conexão entre uma gente e sua terra.

Logo no início do espetáculo, o grande pássaro surge cantando para Guriatã, enquanto o elenco, em passarelas localizadas em lados opostos do teatro, acima da plateia, segura as varas de pescar com os pássaros feitos de origami, balançando-os de um lado para o outro, passando a ideia de vários pássaros sobrevoando a mata, ao mesmo tempo que cantam em coral a música de abertura, descendo as escadas-tesoura e unindo-se ao grande pássaro chamado “MUSA”. Aqui um trequinho da música de abertura:

“Ave, guri guriatã,
do teu cordel voa canto
tão voz de menino-pássaro
tão asa de voz menina
que o coração se ilumina
de hoje sol luamanhã”

Entre as cenas, surge o amigo da ave Guriatã, chamando-a e repetidamente, perguntando: “o que você viu por primeiro, o cavalo ou o cavaleiro?” A ave Guriatã aparece como narradora, apresentando e costurando a história vivida por Sucram e Leunam, inserindo elementos de memória e fantasia.

Um pouco mais adiante, Leunam e Sucram conversam, discutindo sobre qual brincadeira irão fazer. Depois da indecisão, decidem brincar de circo, assumindo o papel de dois palhaços. A encenação desperta gargalhadas e leveza, tanto entre eles quanto no público.

Na sequência da narração da ave, é contado que Sucram e Leunam cruzaram o caminho com um Pastorador de gado, figura simbólica que acrescenta um pouco de emoção e de crítica social à história.

Próximo ao meio da peça, ocorre uma das duas cenas mais divertidas na minha opinião. Trata-se da cena em que Leunam e Sucram vão procurar a Vó Savilina porque estão se sentindo estranhos, com alguns sintomas. Ao chegarem à casa da Vó Savilina, os dois falam que estão com mau-olhado e pedem para ela os rezar; a Vó Savilina examina-os e encontra dez enfermidades neles, então resolve rezá-los, porém, alerta que, se sorrirem durante a reza, ela irá se zangar. Eles prometem que não vão rir, e



ela inicia a reza, de forma bem cômica, dando vários tapas bem fortes nas costas dos meninos, gerando inúmeras gargalhadas na plateia.

Em seguida, Leunan e Sucran pedem para a Vó Savilina lhes contar uma história antes de prosseguirem. A vó Savilina, por sua vez, lhes conta a história de um caçador que acabou se dando muito mal e levando uma surra de ortiga da Caipora, também conhecida por Comadre Fulozinha. No final da cena, Fany, intérprete da Vó Savilina, conversa com a plateia, passando a mensagem de que é errado maltratar os animais, que devemos cuidar deles e lhes dar muito amor e carinho.

No caminho, uma cigana surge diante de Leunam e de Sucram. Ela alerta os meninos dizendo que algo de estranho acontecerá com um deles, criando um clima de mistério e suspense. Logo em seguida, aparece a figura assustadora do Papa-figo, personagem folclórico que captura crianças. Ele rapta Leunam, colocando-o dentro de uma sacola, o que marca uma virada dramática na história.

Sucram, então, sai em busca do seu amigo e foi parar em uma ilha encantada, onde encontra Roberta, a espiga de milho encantada que se dispõe a ajudá-lo na procura por Leunam.

Não contarei o desfecho do cordel, só direi que é muito emocionante e poético, pois ocorre uma revelação no final que, pela minha percepção, emocionou a todos, e, ao mesmo tempo, encerrou com um clima leve e mágico.

Ao final do espetáculo, o elenco tirou uma foto com toda a plateia, nos fundos, para guardar de lembrança aquela que foi a última sessão no teatro Marco Camarotti. Logo após, os atores atenderam ao público gentilmente. Então eu, minha mãe e meu irmão pedimos e tiramos uma foto com eles na frente das asas do grande pássaro Musa. Em seguida, ainda, encontrei as minhas professoras da universidade: a professora Elaine, que estava acompanhada por uma antiga colega minha de sala chamada Hanna, com quem também tirei foto, e a professora Neusa, que me deu aulas de avaliação e de aprendizagem no terceiro período do curso de Letras. Enfim, a história é muito divertida, emocionante e muito hipnotizante; tanto eu quanto minha mãe e meu irmão amamos.

A obra original é bastante autobiográfica: Marcus Accioly rememora sua infância na zona da mata de Pernambuco, entre os engenhos de Laureano e Jaguarana.

Os dois personagens centrais são Sucram (o nome Marcus invertido) e Leunam (Manuel, igualmente invertido), o qual foi amigo de infância de Marcus.



Há fortes elementos de memória afetiva, da natureza (árvores, frutos, devoção pelos pássaros, especialmente o Guriatã), da brincadeira infantil, da terra, da amizade. Também perpassa o tema da perda: Leunam morre jovem, vítima de uma doença típica da época/região, o que marca a infância de Marcus e serve de impulso para a homenagem poética/teatral.

Na transposição para o palco, o espetáculo respeita o ritmo dos folhetos de cordel, incorpora música ao vivo e valoriza visualmente elementos como xilogravura.

Para finalizar, gostaria de agradecer mais uma vez ao professor Robson Teles e ao diretor José Manoel Sobrinho. Muito obrigado, de coração, por proporcionarem para mim e para a minha família uma tarde de domingo imensamente agradável. Foi tão agradável, que fui assistir novamente ao espetáculo. Cheguei ao Teatro Apollo acompanhado da minha prima, do meu sobrinho, de uma amiga e de sua filha. Logo na entrada, encontrei o professor Robson Teles, a quem cumprimentei com alegria.

Pouco depois, também encontrei o diretor José Manoel, que, mais uma vez, me levou a fazer um *tour* pelo teatro. Durante esse passeio, ele me mostrou novos figurinos, entre eles, o curioso chapéu do pastorador de gados. José Manoel também me colocou em contato com os três intérpretes de Leunam (Igor, Felipe e Djalma) e com os três intérpretes de Sucram (Diogo, Evan e Márcio). Reencontrei ainda alguns artistas já conhecidos: Bibih Santos, intérprete de Guriatã; Fany, intérprete da Vó Savilina; Lívia, que dá vida à cigana; e Anne, que interpreta Roberta. Conversei também com Bruna, a quem o diretor pediu que eu tocasse o rosto, um momento bastante marcante.

Depois, sentei-me na primeira fileira junto com as pessoas que me acompanhavam, o que me permitiu observar de perto os últimos preparativos, como a passagem da abertura e o teste da iluminação sob a orientação de José Manoel. Logo o público começou a entrar lentamente, até que a peça se iniciou com a belíssima revoada de pássaros. Em uma cena inesperada, um dos pássaros caiu próximo ao meu sobrinho, que se divertiu ao pegá-lo para brincar e, depois, devolvê-lo. Outro passou bem perto da filha da minha amiga, que ficou encantada durante toda a encenação.

Um detalhe curioso foi a participação espontânea de uma criança da plateia, que comentava em voz alta cada fala dos atores. Suas intervenções arrancaram gargalhadas do público e, ao final, até do próprio diretor. Durante a peça, meu sobrinho chegou a sentir medo do personagem do papa-figo, mas logo depois se animou com as cenas mais agitadas em que ele aparecia. Também se divertiu na parte em que o boi morre, e o elenco dança em volta de Mateus Condé, chamando a figura do boi de “boi-da-



cara-preta". Já minha prima destacou a beleza dos figurinos e o excelente trabalho de design, que realmente chamavam atenção.

Mesmo sendo a segunda vez que assistia à montagem, consegui me divertir como se fosse a primeira. A emoção permaneceu forte, especialmente agora que sei mais sobre a história real que inspirou a peça. Foi, sem dúvida, uma experiência inesquecível, cheia de encontros, surpresas e sensibilidade.

Comentário – Flávia Ramos

Que relato profundamente tocante e revelador! O texto do estudante de Letras Gustavo nos presentearia com uma experiência que transcende a simples ida ao teatro. Trata-se, na verdade, de um testemunho de como a arte verdadeiramente inclusiva e acessível tem o poder de transformar e de emocionar.

O que mais me impressiona é a riqueza sensorial da experiência proporcionada a ele. O diretor José Manoel Sobrinho e o professor Robson Teles compreenderam que acessibilidade vai muito além de simplesmente permitir a presença. Mais do que isso, é sobre criar possibilidades reais de vivência. Nessa perspectiva, o *tour* tátil pelo palco, tocando as cortinas com texturas opostas, segurando os bois de barro, sentindo os figurinos, explorando os adereços cenográficos... cada detalhe foi cuidadosamente pensado para que Gustavo pudesse construir sua própria imagem do espetáculo.

A audiodescrição minuciosa do ambiente, a possibilidade de conhecer pessoalmente os atores e seus personagens, de sentir o espaço físico do teatro, tudo isso demonstra que, quando há vontade genuína de incluir, a arte encontra seus caminhos. E o resultado está evidente: ele não apenas assistiu ao espetáculo, ele o vivenciou plenamente, a ponto de voltar uma segunda vez e se emocionar como se fosse a primeira.

O que seu texto nos revela é a magia inerente ao teatro e à literatura quando acessíveis a todos. A peça "Ave, guriatã!", baseada na obra poética de Marcus Accioly, ganhou vida de forma tão intensa para ele, que conseguimos sentir sua empolgação em cada linha. Ele descreve cenas, personagens, músicas, momentos cômicos e dramáticos com uma riqueza de detalhes que só é possível quando alguém está verdadeiramente imerso na experiência.



É particularmente emocionante perceber como ele se apropriou da narrativa, compreendeu a estrutura da história, os elementos simbólicos, o ritmo do cordel, a crítica social subjacente. Sua análise sobre a obra original de Marcus Accioly, identificando os elementos autobiográficos e a inversão dos nomes dos personagens, mostra um nível de compreensão profundo que só acontece quando a arte é apresentada de forma verdadeiramente acessível.

E há algo ainda mais belo: ele não foi sozinho nessa jornada. Conseguiu compartilhar essa experiência transformadora com sua mãe e irmão (para quem também era a primeira vez no teatro), depois com sua prima, sobrinho e amiga. A arte, quando acessível, multiplica alegrias e cria memórias coletivas.

Esse relato é um lembrete poderoso de que a literatura e o teatro têm o dom de nos transportar, de nos fazer sentir, de nos fazer pensar, independentemente de como percebemos o mundo. A cegueira não impediu que ele visse a magia de " Ave, guriatã!". Pelo contrário: talvez tenha permitido que ele a sentisse de uma forma ainda mais profunda, tocando não apenas com as mãos, mas com o coração e a imaginação.

Que esse testemunho de Gustavo inspire mais iniciativas de acessibilidade cultural, mostrando que, quando abrimos verdadeiramente as portas da arte, todos saímos enriquecidos.